

A BUSCA PELO USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA PREVENÇÃO DE INFECÇÃO POR COVID-19, NO INTERIOR DO ESTADO DO TOCANTINS, BRASIL

THE SEARCH FOR THE USE OF MEDICINAL PLANTS IN THE PREVENTION OF INFECTION BY COVID-19, INSIDE THE STATE OF TOCANTINS, BRAZIL

Roberta Lopes de Queiroz Barbosa 1
Elciane Oliveira Lima 2
Adriana Keila Dias 3
Reobbe Aguiar Pereira 4
Giullia Bianca Ferraciolli do Couto 5

Resumo : Diante do cenário atual da pandemia, causada pelo SARS-CoV-2, muitas pessoas têm buscado através de terapias alternativas, a prevenção para a doença, alívio dos sintomas ou até mesmo a cura. Desse modo o objetivo desta pesquisa é descrever as experiências da utilização de plantas medicinais durante a pandemia da Covid-19. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, exploratório-descritiva realizada nos municípios no interior do Estado do Tocantins (Colméia, Rio dos Bois e Itaporã). Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário semiestruturado contendo 15 questões sobre o uso de plantas medicinais durante o período pandêmico entre 2020 e 2021. Participaram do estudo 60 mulheres, destas, 81,7% afirmaram utilizar plantas medicinais de alguma forma. Dos indivíduos participantes a faixa etária de 30 a 38 anos foi a mais prevalente, representando 36,8 da amostra, e 30% tinham 58 anos ou mais. Diante dos resultados expostos é possível concluir que o uso de plantas medicinais é frequente entre a população estudada, principalmente quando se trata de prevenir alguma doença, como a Covid-19. Algumas das plantas citadas apresentam atividade biológica comprovada cientificamente, no entanto, deve-se ter cuidado quanto ao uso e não desprezar os conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Terapias Complementares. Plantas Medicinais. Pandemia. Covid-19.

Abstract : Given the current scenario of the pandemic, caused by SARS-CoV-2, many people have sought alternative therapies, prevention for the disease, relief of symptoms or even a cure. Thus, aiming to describe the experiences of using medicinal plants during the Covid-19 pandemic. This is a qualitative-quantitative, exploratory-descriptive research carried out in municipalities in the interior of the State of Tocantins (Colmeia, Rio dos Bois and Itaporã). For data collection, a semi-structured questionnaire containing 15 questions about the use of medicinal plants during the pandemic period between 2020 and 2021 was used. Sixty women participated in the study, of which 81.7% claimed to use medicinal plants in some way. Of the participating individuals, the age group from 30 to 38 years old was the most prevalent, representing 36.8 of the sample, and 30% were 58 years old or more given the results presented, it is possible to conclude that the use of medicinal plants is frequent among the population studied, especially when it comes to preventing some disease, such as Covid-19. Some of the plants mentioned have scientifically proven biological activity, however, care must be taken in their use and not to disregard scientific knowledge.

Keywords: Complementary Therapies. Medicinal Plants. Pandemic. Covid-19.

- 1 Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Guarai (FAG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6282083863946887>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0543-3169>. E-mail: roberta.queiroz15@gmail.com
- 2 Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Guarai (FAG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4386800262732931>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2047-4399>. E-mail: cianeusu@gmail.com
- 3 Enfermeira. Faculdade Guarai (FAG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2128882976477548>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1291-5593>. E-mail: adrianakeiladias@hotmail.com
- 4 Enfermeiro. Universidade Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7447115724350334>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2578-2611>. Email: enfreobbe@gmail.com
- 5 Enfermeira. Faculdade Guarai (FAG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0109560699727614>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9768-778X>. E-mail: giulliabianca@hotmail.com

Introdução

O uso de plantas medicinais ou fitoterápico, faz parte da prática da medicina popular, podendo complementar o tratamento alopático ou ser usada de forma independente a tratar por completo algumas patologias. Devido ao grande avanço dos estudos para tratamentos utilizando as plantas, é possível utilizar com segurança e efetividade a fitoterapia (SANTANA; SILVA, 2015). Na cultura popular a utilização de plantas medicinais é na forma de um remédio caseiro, cujo processamento e o preparo são feitos na própria residência.

Estudos indicam que 80% da população mundial fazem uso de algum tipo de planta em busca de alívio para sintomas ou dores, a utilização dá-se por ser de fácil acesso, baixo custo e por serem consideradas inofensivas por grande parte da população (ZENI *et al.*, 2017). Além do mais, a utilização de plantas medicinais na prevenção ou tratamento de doenças foi repassado através de inúmeras descendências no contexto familiar e está presente na história de muitas gerações através do conhecimento baseado em experiência, onde a mulher tem sido a maior possuidora e propagadora desse conhecimento (CEOLIN, 2015).

De acordo com Batalha *et al.*, (2010) quando uma planta medicinal passa pelo processo de industrialização para se tornar um medicamento, ela ganha uma nova função denominada de fitoterápica, uma vez que esse procedimento inibi contaminações por micro-organismos ou por qualquer tipo de substância de origem desconhecida. Além disso, é possível padronizar a quantidade e a maneira correta que esse medicamento deverá ser consumido.

No Brasil a utilização segura das Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PMFs) é uma das diretrizes preconizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) através das práticas integrativas e complementares (PICs). Elas envolvem diferentes abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de promoção da saúde, prevenção de agravos e recuperação da saúde com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (SANTOS; TESSER, 2012; ANTONIO; TESSER; MORETTI-PIRES, 2013).

Com o surgimento do SARS-CoV-2 causadores da Covid-19, que provocou uma pandemia mundial houve amplo acréscimo na busca de terapias alternativas que pudesse prevenir e até mesmo tratar a doença. Além disso, um dos fatores que cooperam para essa busca está relacionado aos sinais clínicos da doença, sendo a maioria semelhantes a gripe (ISER *et al.*, 2020).

Estes vírus atacam o sistema respiratório inferior, causando infecção viral pneumonia, mas também pode afetar o sistema gastrointestinal, coração, rins, fígado e sistema nervoso central, levando as múltiplas falências de órgãos (LIU *et al.*, 2020).

O período de incubação da Covid-19 é de dois a sete dias, podendo durar até duas semanas. A infecção viral desencadeia então uma resposta imune desregulada e excessiva no hospedeiro. Durante esse período, o vírus se replica no trato respiratório, formando lesões que provocam dano tecidual com trombose pulmonar microvascular no local de entrada do vírus, a hiperinflamação gera efeitos deletérios sistêmicos de natureza endócrina, renal, cardiovascular e neurológica (GIAMARELLOS *et al.*, 2020). Os sintomas gerais observados nos indivíduos infectados são febre, tosse, dispneia e lesões nos pulmões (HUANG *et al.*, 2020). No estágio avançado, os sintomas deste vírus mostram pneumonia que evolui para pneumonia grave e Síndrome do Desconforto Respiratório Agudo (SDRA), o que resulta na necessidade de suporte de vida para sustentar a vida do paciente (HEYMANN; SHINDO, 2020).

Nessa perspectiva este estudo se justifica como uma maneira de incentivar a valorização das plantas medicinais, tidas como recursos terapêuticos úteis, podendo atender a algumas demandas na saúde da população, além de contribuir ao sistema de saúde pública. Assim, portanto, o objetivo geral é descrever as experiências da utilização de plantas medicinais durante a pandemia da Covid-19.

Material e Métodos

Este estudo é uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa e quantitativa, exploratório-descritivo. O prosseguimento do estudo atendeu às normas nacionais e internacionais de ética em

pesquisa envolvendo seres humanos, resguardados pela Resolução nº 466, de 12 de outubro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). A pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos - UNITPAC, campus de Araguaína/TO, emitido sob parecer nº 5.138.147.

A população deste estudo é composta por 60 (sessenta) voluntárias, tendo por base informações coletadas com mulheres cadastradas na Estratégia Saúde da Família nos municípios no interior do Estado do Tocantins (Colméia, Rio dos Bois e Itaporã). Utilizou-se para tal fim questionário semiestruturado contendo 15 questões. Tendo como critérios de inclusão mulheres acima de 30 anos de idade; residentes nos municípios no interior do Estado do Tocantins (Colméia, Rio dos Bois e Itaporã) com tempo mínimo de 06 meses; fizeram uso ou não de plantas medicinais durante período pandêmico entre 2020 e 2021; e mulheres que consentirem em participar da pesquisa e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

De acordo com Gil (2017), pesquisas descritivas buscam levantar a opinião, atitudes e crenças de uma população. Essas pesquisas, normalmente de caráter quantitativo, buscam a identificação e descrição de características de grupos de pessoas ou de fenômenos. Quando feitas de forma qualitativa, tendem a utilizar mapas, modelos ou quadros descritivos para categorizar características. Já as pesquisas exploratórias tendem a ser mais flexíveis em seu planejamento, pois pretendem observar e compreender os mais variados aspectos relativos ao fenômeno estudado pelo pesquisador.

Resultados e Discussão

Na posterior análise e interpretação das informações e dados adquiridos com as mulheres pesquisadas, observou-se que 81,7% (n= 49) das voluntárias afirmam utilizar plantas medicinais de alguma forma e apenas 18,3% (n= 11) não fazem uso. As informações referentes a idade da população amostrada são apresentadas na tabela abaixo.

Tabela 1. Faixa etária das participantes da pesquisa nos municípios no interior do Estado do Tocantins, 2021

Faixa etária	N	%
30-38 anos	22	36,8
39-48 anos	10	16,6
49-58 anos	10	16,6
58 anos ou +	18	30,0
Total	60	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

A população em estudo (n= 60) foi composta apenas por mulheres, com idade que varia de 30 a 58 anos ou mais, sendo que a faixa etária de 30 a 38 anos foi a mais prevalente com 36,8% (n= 22). Este resultado chama atenção tendo em vista que a maioria das voluntárias tem idade mais jovem, diferente de estudos realizados por Oliveira; Machado; Rodrigues (2014), onde a predominância de idade foi para maior de 59 anos de idade.

Cruz et al., (2017) concluíram em seus estudos que existe uma relação entre idade e conhecimento sobre o uso e cultivo de plantas medicinais, uma vez que, segundo os autores, quanto maior a idade, maior o grau de conhecimento sobre o uso desses vegetais. Eles também concluíram

que pessoas com menor grau de escolaridade, tem maior preferência pelo cultivo dessas plantas, o que pode ser explicado pela tradição do uso de remédios naturais, sendo ela passada dos pais para filhos e gerações inteiras. Outra relação importante observada por estes autores diz respeito à renda. Eles constataram que existe uma relação inversamente proporcional entre o fator renda e cultivo de plantas medicinais. Ou seja, pessoas com menor renda faziam maior uso desses vegetais, enquanto as que apresentaram maior renda, frisaram usar menos fitoterápicos.

Tabela 2. Nível de escolaridade das participantes da pesquisa nos municípios no interior do Estado do Tocantins, 2021

Escolaridade	N	%
Analfabeto	02	3,3
Alfabetizado	05	8,4
Fundamental Incompleto	11	18,3
Fundamental Completo	04	6,7
Médio Incompleto	13	21,6
Médio Completo	18	30,0
Superior Completo	07	11,7
Total	60	100,0

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Buscou-se fazer uma relação entre o grau de escolaridade e o uso de plantas, com algum fim medicinal. Dentre os dados que mais se destacam ressalta-se que das mulheres que concluíram o ensino fundamental 6,7% (n= 04) todas fazem uso de plantas, além disso das que possuem ensino fundamental incompleto 18,3% (n= 11), 9 faz uso de plantas medicinais e apenas 2 não utilizam.

Ademais, 30% (n= 18) das mulheres que concluíram o ensino médio, 11 fazem uso de plantas medicinais e 7 não utilizam. Já o ensino médio incompleto corresponde a 21,6% (n= 13) das mulheres, destas 12 fazem uso de plantas medicinais e apenas 01 não utiliza. Por conseguinte, 11,7% (n= 07) das mulheres tem ensino superior completo, destas 6 fazem uso de plantas medicinais e apenas 01 não utiliza.

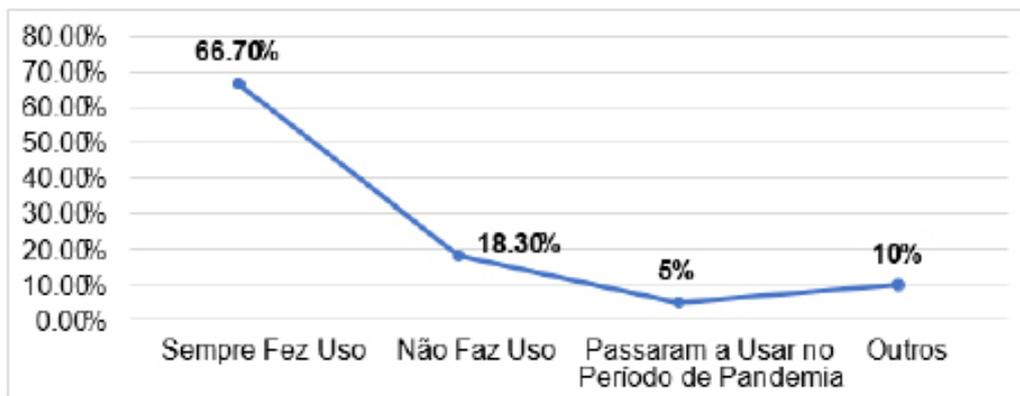
Os dados obtidos diferem de outros estudos, uma vez que verificou-se que, independentemente do grau de escolaridade a maioria das mulheres fazem uso dessas plantas com fins preventivos ou curativos, sendo assim o uso de plantas medicinais nem sempre está associado a um determinado grau de escolaridade. (FERNANDES; KRUPPEK, 2014) evidenciam em seu estudo dados que se assemelham, podendo ser explicado por motivos que nos dias atuais, a busca por produtos naturais e de qualidade tem sido alvo de maior interesse pela população mais esclarecida. No entanto, a relação renda e uso de plantas medicinais, e a relação grau de escolaridade e plantas medicinais é amplamente discutida, mostrando em sua grande maioria que há uma tendência de que pessoas com maior grau de instrução formal fazem menor uso desses vegetais, bem como observado na literatura (SZERWIESKI et al., 2017; CRUZ *et al.*, 2017; BRITO, 2015).

Brito (2015) afirma que as pessoas que não tem uma educação formal foram três vezes mais propensas a fazer uso de plantas medicinais. Santos; Lima; Ferreira (2008) chegaram a resultados similares e até sugeriram que a maior familiaridade com as plantas medicinais, por estas pessoas com baixo grau de escolaridade, tem a ver com o baixo poder aquisitivo e busca por tratamentos alternativos.

Em estudos mais antigos, observa-se que o conhecimento sobre plantas medicinais apresenta uma tendência a diminuir com o nível de escolaridade. Está claro que o nível de escolaridade está

associado a condições econômicas. Assim, a relação entre o baixo nível de escolaridade e a maior familiarização com o poder medicinal de espécies vegetais pode refletir a busca, devido ao baixo poder aquisitivo, de formas alternativas de tratar as doenças, que não envolvam a compra de medicamentos caros. Talvez seja possível inferir também que o nível crescente de escolaridade envolve uma certa massificação dos costumes, principalmente frente à globalização, o que levaria a uma perda gradual dos hábitos ancestrais relacionados à fitoterapia (SANTOS; LIMA; FERREIRA, 2008).

Gráfico 1. Tempo de uso das plantas medicinais das participantes da pesquisa nos municípios no interior do Estado do Tocantins, 2021.

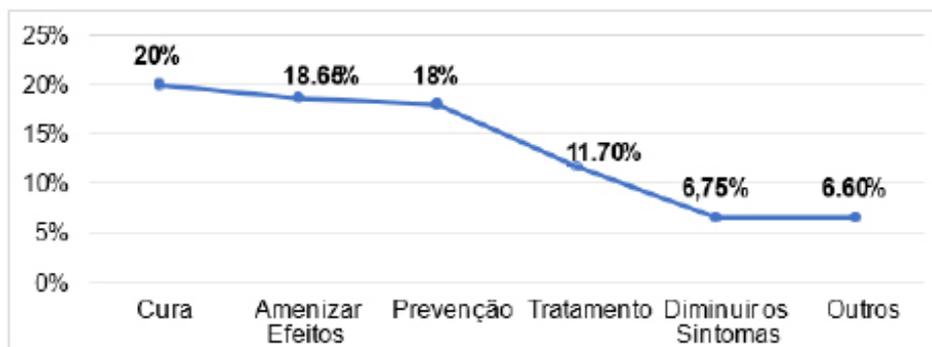


Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Quanto às características relacionadas à utilização de plantas medicinais, observa-se que 66,70% (n= 40) das mulheres já utilizavam constantemente como alternativa terapêutica para diferentes problemas de saúde, em seu cotidiano. E com o surgimento da Covid-19 apenas deram continuidade ao uso de plantas medicinais, além disso algumas das entrevistadas enfatizaram se preocupar com os sintomas da doença, e por falta de condições financeiras e medo de contrair o vírus passaram a utilizar plantas específicas que segundo informações de amigos e familiares seriam eficazes para evitar formas graves da Covid-19.

Ressalta-se que o uso das plantas medicinais ocorre frequentemente em associação ou substituição à terapia medicamentosa convencional, no entanto, o que é desconhecido pela população são os efeitos adversos/tóxicos que estas podem causar, uma vez que o uso de plantas não possui um controle rigoroso durante a prescrição e a venda, o que favorece à automedicação (VIGANÓ, 2007; MACEDO, 2007).

Gráfico 2. Consumo de plantas durante a Pandemia das participantes da pesquisa nos municípios no interior do Estado do Tocantins, 2021



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Com relação ao consumo de plantas medicinais verificou-se através do gráfico- 2 que 20% (n= 12) mantiveram o uso durante a pandemia por que acreditam que as plantas medicinais podem curar, seguido de 18,65% (n= 11) que utilizam com o intuito de amenizar os efeitos de doenças, além disso 18% (n= 10) acredita que mantendo o uso de plantas medicinais podem estar prevenindo a Covid-19 e doenças de sintomas semelhantes, outras 11,70% (n= 07) relatam usar prioritariamente para tratamento de variadas doenças e 6,75% (n= 04) enfatizam usar com o objetivo de diminuir os sintomas. Outro dado que chamou atenção é que dentre outros motivos 6,60% (n= 04) foi destacado pelas entrevistadas com os seguintes termos: as plantas são uma opção pois a “falta de dinheiro”, “estou desempregada” e “tenho poucas condições para adquirir “remédios” na farmácia.

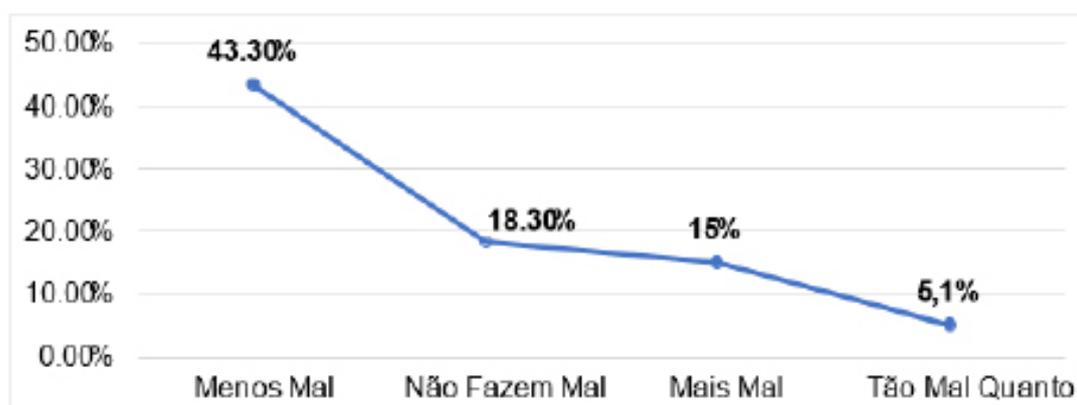
De acordo com Andreatini, (2000) o crescimento do consumo dos fitoterápicos no Brasil acontece por alguns motivos: baixo custo, facilidade de acesso pela população e principalmente o grande aumento nos estudos científicos para descoberta de novas plantas medicinais e novos tratamentos. Embora haja diversos métodos de tratamentos alopáticos, a fitoterapia muitas vezes é procurada por ser denominada um método “menos agressivo” de tratamento. Quando questionadas sobre quais doenças as levam a um consumo maior de remédios caseiros nesse período de pandemia, 28,3% (n= 17) descreveram usar para tratar a gripe enquanto 25% (n= 15) responderam usar para tratamento ou prevenção da Covid-19

Para atenuar os sintomas relacionados a gripe muitas pessoas buscam alternativas, dentre as quais está o uso de medicamentos, frequentemente utilizado por automedicação (ANDRADE et al., 2012). Ainda, medidas alternativas como o uso de plantas medicinais também são utilizadas, como evidenciado em estudos etnobotânicos (DE BARROS et al., 2007; LEITE et al., 2013; RIBEIRO et al., 2013). Considerando a questão cultural, a facilidade de obtenção de amostras vegetais e o conhecimento dos riscos dos medicamentos alopáticos as plantas acabam sendo alternativas terapêuticas no tratamento de sintomas gripais (LEITE et al., 2013).

Destaca-se também que outras 28,3% (n= 17) das voluntárias fazem uso de plantas para tratar outros tipos de doenças já existentes, citadas por elas principalmente como doenças do sistema digestório e doenças crônicas e 18,4% (n= 11) não faz uso de remédios à base de plantas feitos em casa.

Semelhante aos dados encontrados na presente pesquisa, um estudo etnobotânico realizado no município de Assaré, no Ceará, grande parte das plantas medicinais citadas é empregada para mais de um problema de saúde, enquanto uma menor quantidade apresenta uma única utilidade terapêutica (RIBEIRO et al., 2014).

Gráfico 3. Percepção das voluntárias acerca do uso de Plantas Medicinais



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

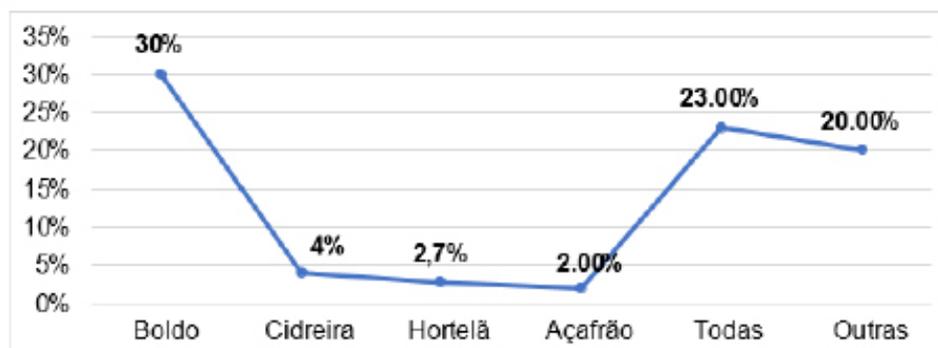
De acordo com as informações obtidas, em resposta aos questionamentos referentes a percepção das entrevistadas 43,30% (n= 26) acreditam que as plantas medicinais fazem menos mal que os medicamentos convencionais e 18,3% (n= 11) levam em consideração que por serem naturais não fazem nenhum mal e por isso sempre utilizavam e continuam consumindo durante a pandemia, no entanto 15% (n= 09) fez menção de que as plantas medicinais se consumidas

incorretamente podem fazer mais mal que um medicamento convencionais e apenas 5,1% (n= 03) relatou que as mesmas podem fazer tão mal quanto um medicamento convencional. Este é um dado importante tendo em vista que o uso de remédios feitos em casa a base plantas é um recurso formidável para a manutenção da saúde. No entanto, mais informações sobre o uso das plantas medicinais precisam ser difundidas entre a população, objetivando desmitificar o ditado popular de que elas não podem causar nenhum malefício a saúde.

Sabe-se que o uso das plantas no tratamento das doenças se justifica pelo fato de que suas diferentes partes como raiz, caule, semente, folha e fruto podem fornecer substâncias ativas, os metabólitos secundários, que apresentam diferentes atividades farmacológicas e terapêuticas (TAIZ; ZEIGER, 2017). À vista disso, quando não recebe a devida orientação, a população se mostra mais suscetível aos efeitos danosos produzidos pelas plantas medicinais e fitoterápicos. Esses efeitos nocivos são decorrentes da administração isolada ou quando associados aos medicamentos sintéticos. Isto porque, assim como muitos dos fitoterápicos, estes integram o grupo de medicamentos considerados de venda livre, ou seja, não dependem de uma receita para sua aquisição (BRASIL, 2019).

Aversi-Ferreira et al., 2013; Cavalcante; Costa et al., 2018 indicam a necessidade de um melhor controle no uso de plantas medicinais como um todo, principalmente em países como o Brasil, onde grande parte da população utiliza-se deste tipo de terapia. Salientam ainda que há poucos estudos científicos que corroborem com as atividades etnofarmacológicas.

Gráfico 4. Plantas Utilizadas das participantes da pesquisa nos municípios no interior do Estado do Tocantins, 2021



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Para as 22 espécies citadas neste estudo, o boldo (*Plectranthus barbatus*) teve maior prevalência, representando 30,0% (n= 18) das citações.

Chassot, (2003) enfatiza através dos resultado de sua pesquisa que o conhecimento da utilização do boldo como fitoterápico, nos distúrbios gástricos e digestivos, continua passando de geração em geração. O boldo também tem efeito benéfico contra as chamadas dispepsias funcionais, quando há um desconforto abdominal constante, e tem atividade antimicrobiana, hepática e digestiva. A planta ainda produz uma ação anti-inflamatória importante, relacionada à boldina e por inibição da síntese da prostaglandina, por isso pode ser usado contra cólicas gastrointestinais leves. Além disso a planta estimula o funcionamento do fígado eliminando o álcool e o mal-estar (SORDI; JAQUELINE, 2014).

Das plantas citadas no questionário 23% (n= 14) da amostra relatou fazer o uso de todas que estavam presente no mesmo. Estudos etnobotânicos de plantas medicinais em outras regiões do Brasil também apontam estas espécies entre as mais citadas e consumidas (ZUCCHI et al., 2013).

Além disso 20% (n= 12) das mulheres afirmaram utilizar outras plantas com mais frequência que as citadas no questionário. As informações referentes a todas as plantas medicinais citadas pela população estudada são apresentadas na tabela-3.

Tabela 3. Nome popular e científico e número de citações das plantas medicinais

Nome Popular	Científico	N	Nome Popular	Científico	N
BOLDO	(<i>Plectranthus barbatus</i>)	18	ALHO	(<i>Allium sativum</i>)	2
AÇAFRÃO	(<i>Crocus sativus</i>)	1	INHARÉ	(<i>Brosimum gaudichaudii</i>)	2
CIDREIRA	(<i>Melissa officinalis</i>)	4	MASTRUZ	(<i>Chenopodium ambrosioides</i>)	3
HORTELÃ	(<i>Mentha piperita</i>)	2	BABOSA	(<i>Aloe vera</i>)	4
FOLHA DE ALGODÃO	(<i>Gossypium hirsutum</i>)	5	MALVA DO REINO	(<i>Malva sylvestris</i>)	1
FOLHA DE MAMÃO	(<i>Carica papaya</i>)	2	MELÃO DE SÃO CAETANO	(<i>Momordica spp</i>)	2
LIMÃO	(<i>Citrus limon</i>)	2	ALECRIM	(<i>Salvia rosmarinus</i>)	2
FOLHA DE MANGABEIRA	(<i>Hancornia speciosa</i>)	2	FOLHA DE ABACATE	(<i>Persea americana</i>)	1
JARRINHA	(<i>Aristolochia triangularis</i>)	1	LOURO	(<i>Laurus nobilis</i>)	1
FOLHA DE GRAVIOLA	(<i>Annona muricata</i>)	1	QUINOA	(<i>Chenopodium quinoa</i>)	3
CANELA	(<i>Cinnamomum verum</i>)	2	RAIZ DE LIMA	(<i>Citrus aurantiifolia</i>)	1

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Com relação ao conhecimento e utilização de plantas medicinais com finalidade terapêutica, as respondentes mencionaram 18 espécies diferentes além das espécies já presente no questionário, além disso muitas mulheres citaram mais de uma planta nas respostas discursivas. Dentre estas destaca-se mastruz (*Chenopodium ambrosioides*, Quinoa (*Chenopodium quinoa*), Folha de algodão (*Gossypium hirsutum*) e a Babosa (*Aloe vera*) como as mais citadas. Analisando o número maior de citações das 4 espécies mencionadas buscou-se entender quais as ações dessas plantas através de achados científicos em anos anteriores.

Oliveira et al., (2018) enfatizam que o mastruz é indicada por apresentar ação antiinflamatória e cicatrizante, no entanto, sua ação mais comum e que a caracteriza como planta medicinal é a ação anti-helmíntica. Além disso, o estudo de Souza *et al.*, (2014) mostrou que o extrato hidroalcolólico da planta potencializou a atividade anti-inflamatória e antifibrótica em cirurgias de vesícula. Já a pesquisa de Sérvio et al., (2011) concluíram que o extrato aquoso da planta apresentou atividade cicatrizante em feridas abertas.

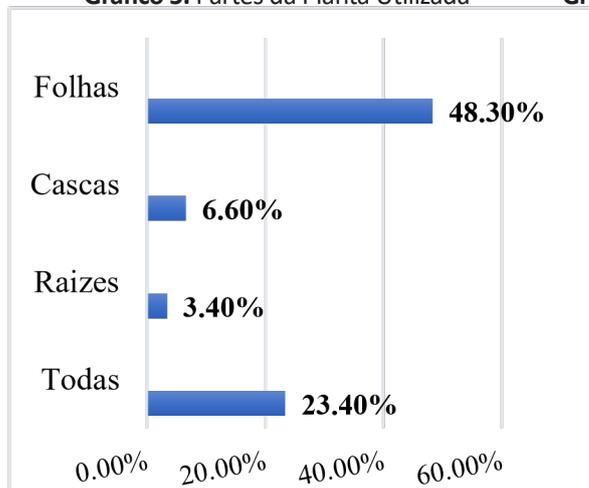
Lemos, (2017), diz que a quinoa pode ser utilizado nas refeições diárias, em pratos como tabules, saladas com quinoa, tortas e suflês, arroz com quinoa, e molhos de tomate, podendo também ser grelhado. De acordo com a Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO, 1994), as folhas, caules e grãos podem ser utilizados com propriedades medicinais como para cicatrização, anti-inflamatório, analgésico contra dor de dente e antiséptico das vias urinárias.

Com relação as folhas de algodão sabe-se que são utilizadas para o tratamento de diversas doenças e enfermidades: o uso das folhas serve como antimalárico (ADEBAYO; AJAIYEGBA et al., 2006), anti-hipertensivo, antirreumático, antidiabético, antitussígeno, tonsilite, diurético, para queimaduras, hemorragias, gastrite, micoses e problemas respiratórios como asma. Já as flores são utilizadas como antitussígeno, para combater anemia, disenteria, hemorragia (SILVA, 2002), além de hipocondria e inflamações brônquicas (DHUNDI et al., 2012). As folhas, flores e cascas em

conjunto são utilizados como diurético e contra asma; sementes como antitussígeno (SILVA, 2002), antipirético e o óleo de semente é utilizado externamente para limpar manchas e sardas da pele (DHUNDI et al., 2012).

Com relação a babosa estudos realizados através de experimentos in vitro identificaram substâncias parcialmente responsáveis por inúmeras ações medicinais dentre elas polissacarídeo envolvido nos processos de cicatrização (JETTANACHEAWCHANKIT et al., 2009). Pesquisas também relatam a atividade antineoplásica da Babosa frente a diferentes linhagens de câncer, supondo-se que a Aloína, Aloe-emodina e a Acemanana sejam parcialmente responsáveis por essa atividade (FREITAS et al., 2014). Além disso, estudos afirmam que quando utilizada oralmente durante a gravidez, a ingestão de *A. vera* pode induzir o aborto. Segundo Wagner e Wiesenauer (2006), a ingestão crônica de algumas propriedades químicas da planta pode resultar em lesão do aparelho neuromuscular e formação de um “côlon de laxantes”, além de provocar lesões renais. Há, também, relatos na literatura de dermatite de contato e sensação de queimação provocada pelo uso tópico excessivo do gel da *A. vera* (FREITAS et al., 2014).

Gráfico 5. Partes da Planta Utilizada



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Gráfico 6. Modo de Preparo das plantas



Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Com relação as partes mais utilizadas das plantas foram citadas as folhas, representando 48,30% (n= 29), casca 6,60% (n= 04), raiz 3,40% (n= 02) e um total de 23,40% (n= 14) faz uso de todas as partes descritas no questionário. O modo de preparo das plantas citadas mostra comum uso na forma fervida com 51,60% (n= 31), forma mais difundida entre as comunidades de um modo geral pela população deste estudo. A garrafada 13,30% (n= 08) e dentre outras formas de preparo 15% (n= 09) mencionaram, infusão, compressa, maceração e gargarejo, e apenas 1,8% (n= 01) afirmar usar todas as formas de preparo de acordo com a parte da planta utilizada.

Observou-se ainda que 60% (n= 36) das voluntárias obtiveram o conhecimento sobre a forma de utilização de plantas medicinais através de familiares, sendo as mães e avós, as principais informantes, 15% (n= 09) procuram informações com amigos sobre como preparar ou que planta usar para determinado fim, 5% (n= 03) busca informação em meios de comunicação e 1,6 (n= 01) relatou não pedir informação a ninguém.

Moraes et al., (2020); Nedopetalski & Krupek, (2020) confirmam estes dados em sua pesquisa onde cita que normalmente as plantas medicinais são utilizadas após a indicação de amigos e familiares, uma vez que poucos médicos indicam o uso desses produtos. Elas podem ser usadas frescas, logo após a coleta, ou então secas, dependendo da espécie e de como ela deve ser preparada. O modo de preparo também varia com a espécie e deve ser avaliado cuidadosamente. Em alguns casos, por exemplo, utilizar a planta como chá pode fazer com que seus efeitos se percam. (DOMINGUES et al., 2020; AZEVEDO et al., 2020; BORTOLUZZI, SCHMITT & MAZUR, 2020).

Considerações Finais

A ciência e tecnologia têm avançado bastante nas últimas décadas. Com este progresso veio o fortalecimento da indústria farmacêutica, que hoje mostra uma gama de medicamentos para inúmeros problemas de saúde. No entanto, as condições socioeconômicas das pessoas, no mundo, não progrediram na mesma velocidade, ou não o fizeram. Certamente isso faz com que, ainda hoje, milhares de pessoas se utilizem de sistemas tradicionais de cura, em diferentes partes da Terra. Diante dos resultados expostos é possível concluir que o uso de plantas medicinais é frequente entre a população estudada, sendo possível inferir, neste estudo, que a baixa renda é um fator que influencia no uso de plantas medicinais. Não se trata em afirmar que os fatores renda, escolaridade e idade são obrigatoriamente determinantes no que diz respeito ao uso de plantas medicinais, fitoterápicos em geral. E sim de destacar que em alguns casos, como neste estudo, eles se mostram majoritários.

Ademais, a busca pela cura de enfermidades e por acreditarem que as plantas fazem menos mal que os medicamentos convencionais fez com que o consumo de remédios caseiros feitos à base de plantas medicinais tenha progredido, principalmente com o intuito de contribuir para o aumento da imunidade, prevenir a Covid-19 e/ou tratar doenças de sintomas semelhantes sendo a gripe um dos motivos que mais levou o grupo estudado a buscar pelo uso de plantas medicinais no período de coleta de dados, isso pode implicar para mais estudos científicos tendo em vista que a Covid-19 apesar de apresentar sintomas leves semelhantes a gripe em sua fase inicial não é causada pelo mesmo parasita.

É possível observar, ainda, que várias plantas citadas apresentam atividade biológica comprovada cientificamente. No entanto, notou-se uma necessidade de desenvolvimento de novos estudos que aprofundem essas discussões a partir de novos elementos e abordagens tendo em vista as dificuldades de encontrar artigos atualizados sobre o tema abordado.

Referências

ANDREATINI, R. Uso de fitoterápicos em psiquiatria. **Rev Bras Psiquiatria**. Curitiba, v. 22, n.3, p. 104-5, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15164446200000030000. Acesso em: 01 jul. 2020.

ANDRADE, C.T. S. et al. Avaliação dos hábitos associados à automedicação em uma farmácia comunitária em Aracaju-SE: a luz para o farmacêutico. **Caderno de Graduação Ciências Biológicas e saúde**, v. 1, n. 15, p. 19–31, 2012.

ADEBAYO, J. O.; KRETTLI, A. U. Potential antimalarials from Nigerian plants: a review. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 133, n. 2, p. 289-302, 2011.

AJAIYEGBA, E. O.; ABIODUNB, O. O.; FALADEC, M. O.; OGBOLEA, N. O.; ASHIDIA, J. S.; HAPPID, C. T.; AKINBOYE, D. O. In vitro cytotoxicity studies of 20 plants used in Nigerian antimalarial ethnomedicine. **Phytomedicine**, v. 13, n. 4, p. 295-298, 2006.

AVERSI, T. P.; RIBEIRO, P.P.; SILVA, N.C. Confrontation between ethnopharmacology and scientific results of the herbal medicaments from Brazil to be applied in primary health care. **Journal of Medicinal Plants Research**, v. 7, n. 4, p. 845– 856, 2013.

AZEVEDO, S. S., et al. (2020). Evaluation of antioxidating activity of tea made in free fairs and industrialized tea in San Luís-Maranhão, Brazil. **Research, Society and Development**, 9(8), e06985320.

BARROS, F. M. C. et al. Plantas de uso medicinal no Município de São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. **Latin American Journal of Pharmacy**, v.26, n. 5, p. 652–662, 2007.

BATALHA, M. A.; CIANCIARUSO, M. V.; MOTTA-JUNIOR, J. C. Consequences of simulated loss of open Cerrado areas to bird functional diversity. **Natureza & Conservação**. 8: 34–40, 2010.

BALBINOT, S.; VELASQUEZ, P. G.; DÜSMAN, E. Reconhecimento e uso de plantas medicinais pelos idosos do Município de Marmeleiro–Paraná. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 15, n. 4, p. 632-638, 2013.

Borges R. M.; Moreira RPM. Estudo etnobotânico de plantas medicinais no município de Confresa Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**. 2016;15(3):68-82.

Bortoluzzi, M. M.; Schmitt, V., & Mazur, C. E. (2020). Effect of herbal medical plants on anxiety: a brief review. **Research, Society and Development**, 9(1), e02911504.

BRASILEIRO, B. G; PIZIOLO, V.R; MATOS, D.S; GERMANO, A.M; JAMAL, C.M. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no Programa de Saúde da Família, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, n. 4, p. 629-636, 2008

BRASIL. Conselho regional de farmácia do estado de São Paulo. Departamento de apoio técnico e educação permanente. Comissão assessora de plantas medicinais e fitoterápicos. **Rev. Plantas Mediciniais e Fitoterápicos**. São Paulo, 4ª ed. p.86, 2019.

BRITO, N. C.; Perfil de utilização e fatores associados ao uso de plantas medicinais em pessoas com diabetes mellitus em Minas Gerais, Brasil. 2015 100 f. Tese (Mestrado em Medicamentos e Assistência Farmacêutica) – **Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte: 2015.

CALÁBRIA, L.; CUBA, G.T.; HWANG, S.M; MARRA, J.C.F.; MENDONÇA, M.F.; NASCIMENTO, R.C. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008

COSTA, G. F. C.; **Plantas medicinais associadas a desordens mentais e neurológicas**: uma comparação entre etnofarmacologia e testes farmacológicos. Dissertação apresentada a Universidade Federal do Tocantins, Programa de pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde, p. 1-64, 2018

CRUZ, V. M. S da.; GONÇALVES, A. L.; CAMPOS, J. R. dos. P.; REIS, A. R. S. Aspectos socioeconômicos e o cultivo de plantas medicinais em quintais agroflorestais urbanos (qaf) no município de Breu Branco, Pará, Brasil. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer** - Goiânia, v.14 n.25; p. 158-170, 2017

CRUZ, V. M. S.; GONÇALVES, A. L.; CAMPOS, J. R. dos. P.; REIS, A. R. S. Aspectos socioeconômicos e o cultivo de plantas medicinais em quintais agroflorestais urbanos (qaf) no município de Breu Branco, Pará, Brasil. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer** - Goiânia, v.14 n.25; p. 158-170, 2017.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, p. 89-100, jan/abr. 2003.

DOMINGUES, S. C. O., et al. (2020). Atividade antifúngica de extratos vegetais em *Rhizoctonia* sp. isolado de orquídea. **Research, Society and Development**, 9(8), e392985423.

DHUNDI, S. N.; YADAV, P.; HARISHA, C. R. Quality control parameters of Rakta Karpasa flower (*Gossypium arboreum* Linn.). **International Journal of Pharmacy & Life Sciences**, v. 3, n. 4, 2012.

- FREITAS, V. S.; RODRIGUES, R. A. F.; GASPI, F. O. G. Propriedades farmacológicas da Aloe vera (L.) Burm. f. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. 2, p. 299-307. 2014.
- GIAMARELLOS E. J, Netea MG, Rovina N, et al. Complex immune dysregulation in COVID19 patients with severe respiratory failure. **Cell Host Microbe**. 2020.
- GIL, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.
- HEYMANN, D.L.; SHINDO, N.. Covid-19: what is next for public health?. **The Lancet**, v. 395, p. 542-545, 2020. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30374-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30374-3).
- HUANG, C. *et al.* Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. **Lancet**, v. 395, n. 102, p. 497-506, 2020. doi: 10.1016/S0140-6736(20)30183-5.
- ISER, BPM; *et al.*, Definição de caso suspeito da Covid-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados Epidemiol. **Serv. Saude**, 2020; 29(3):e2020233.
- JETTANACHEAWCHANKIT. S.; *et al.* Acemannan stimulates gingival fibroblast proliferation; expressions of keratinocyte growth factor-1, vascular endothelial growth factor, and type 1 collagen; and wound healing. **Journal of Pharmacological Sciences**, v. 109, p. 525-31. 2009.
- JUNIOR V. F. V., PINTO A. C., MACIEL M. A. M. Plantas medicinais, cura segura? **Química Nova**, São Paulo, v.28 n.3, p. 1-5, Maio/Junho, 2005. Disponível em: <http://co.unicaen.com.br:89/periodicos/index.php/UNICA/article/view/29/34>.
- KHAN, S.; SIDDIQUE, R.; SHEREEN, M.; ALI, A.; LIU, J.; BAI, Q.; BASHIR, N.; XUE, M. The emergence of a novel coronavirus (SARS-CoV-2), their biology and therapeutic options. **Journal of Clinical Microbiology**, 2020.
- LEITE, I. A. *et al.* A etnobotânica de plantas medicinais no município de São José de espinharas, Paraíba, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n. 1, p. 22–30, 2013.
- LIMA, Ângela Roberta Alves; HECK, Rita Maria; VASCONCELOS, Márcia Kaster Portelina; BARBIERI, Rosa Lía. Ações de Mulheres Agricultoras no Cuidado Familiar: Uso de Plantas Medicinais no Sul do Brasil. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, 2014, p. 365-372.
- LIU, C.; *et al.* Research and Development on Therapeutic Agents and Vaccines for Covid-19 and Related Human Coronavirus Diseases. **ACS Cent. Sci**, v. 6, p. 315–331, 2020.
- MARINHO, M. G. V.; SILVA, C. C.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 13, n. 2, p. 170-182, 2011.
- MORAES, J. S., *et al.*, O uso da planta *Cissus Verticillata* (Insulina) no tratamento do Diabetes Mellitus, em uma comunidade costeira do Pará, Amazônia, Brasil. **Research, Society and Development**, 9(7): 2020.
- NEDOPETALSKI, P. F., & KRUPPEK, R. A. O uso de plantas medicinais pela população de União da Vitória –PR: o saber popular confrontado pelo conhecimento científico. **Arquivos do Mudi**, 24(1), 2020, 50-67.
- NICOLETTI, M. A. *et al.* Principais interações no uso de medicamentos fitoterápicos. **Infarma**, v. 19, n. 1/2, p. 32-40, 2007.

NOVAIS AM, NETO GG, GUARIM VLMS, PASA MC. Os quintais e a flora local: um estudo na comunidade Jardim Paraíso, Carceres-MT, Brasil. **Biodiversidade**. 2011;10(1):3-12.

OLIVEIRA, L. A. R., MACHADO, R. D., & RODRIGUES, A. J. L. (2014). Levantamento sobre o uso de plantas medicinais com a terapêutica anticâncer por pacientes da Unidade Oncológica de Anápolis. **Revista brasileira de plantas medicinais**, 16(1), 32-40. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-05722014000100005>.

OLIVEIRA, L.S.S.; FERREIRA, F.S.; BARROSO, A.M. Erva de Santa Maria (*Chenopodium ambrosioides* L.): Aplicações clínicas e formas tóxicas – Revisão de literatura. **Jornal Brasileiro de Ciência Animal**, v.7, p.464–499, 2014.

OLIVEIRA VB, Rocha MCA. **Levantamento de plantas utilizadas como medicinais na cidade de Caxias-MA: uma perspectiva etnofarmacológica**. *RevInterd*. 2016 out. nov;9(4):43-52.

OLIVEIRA, R. A., *et al.*, Perfil etnobotânico de plantas utilizadas como medicinais na comunidade de Bom Jesus, município de Imperatriz-MA. **Educação Ambiental em Ação**, 17(66), 2018.

ROSSATO, M.; BARBIERI, R.L. Estudo etnobotânico de palmeiras do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2, n. 1, p. 123-127, 2007.

RIBEIRO, A.C.M. et al. Uso popular e comércio informal de plantas medicinais no município de Sanclerlândia, Goiás, Brasil. **Revista Faculdade Montes Belos (FMB)**: v. 6, nº 1, p.1-13, 2013.

Ribeiro, D. A.; *et al.*, Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**,16(4), 2014, 912-930.

SANTANA, G.; SILVA, A.M. O uso de plantas medicinais no tratamento da ansiedade. **III Simpósio de Assistência Farmacêutica**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/novo/eventos-noticias/saf/2015/SAF009_15.p>

SANTOS, L. A.; MENEZES, J. S.; RUFINO, L. R. A.; OLIVEIRA, N. M. S.; FIORINI, J. E. Determinação da atividade antimicrobiana do extrato hidroalcoólico da planta *Plectranthus ornatus* codd (Boldo chinês). **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 12, n. 1, p. 119- 129, 2014.

SANTOS, MC. TESSER, CD. Um método para a implantação e promoção de acesso às Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2012; v. 17, n. 11, p. 3011-3024. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n11/v17n11a17.pdf>.

SANTOS, M. R. A.; LIMA, M. R.; FERREIRA, M. Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura brasileira**, v. 26, n. 2, p. 244- 250, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hb/v26n2/23.pdf>.

SÉRVIO, E. M. L., *et al.*, Cicatrização de feridas com a utilização do extrato de *Chenopodium ambrosioides* (mastruz) e cobertura secundária estéril de gaze em ratos. **ConScientiae Saúde**, 10(3), 2011, 441-448.

SILVA, D.; MAGALHÃES, V.; MACÊDO, T.; ALMASSY, J.A.; SILVA, F. Levantamento etnofarmacológico em comunidades rurais do Recôncavo da Bahia/BA. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 697-701, 2009.

SILVA, S. R. *et al.* Plantas Medicinais do Brasil: aspectos gerais sobre a legislação e comércio. América do Sul: Ministério de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha; **IBAMA**, 2001. p. IX. Trabalho técnico.

SILVA, R. B. L. A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil. 172 f. 2002. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – **Universidade Federal Rural da Amazônia**, Belém, 2002.

SORDI, JAQUELINE. Resolução da Anvisa reconhece benefícios de produtos fitoterápicos. **Revista GZH VIDA**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2014/05/Resolucao-da-Anvisa-reconhecebeneficios-de-produtos-fitoterapicos-4505677.html>Acesso: 29 de jun. 2020.

SOUZA, J. P. J. D. (2014). Efeito anti-inflamatório do extrato hidroalcoólico de folhas de *Chenopodium ambrosioides* L. na bexiga de ratos submetidos à cistotomia. **Repositório da Universidade Federal do Maranhão-UFMA**.

SZERWIESKI, L. L. D.; CORTEZ, D. A. G.; BENNEMANN, R. M.; SILVA, E. S.; CORTEZ, L. E. R. Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. **Rev. Eletr. Enf.** 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v19.42009>. Acesso em: 10 jul. 2020.

TAIZ, L. *et al.* Fisiologia e desenvolvimento vegetal. **Artmed Editora**, 2017.

Viganó, J., Viganó, J. A., & da Cruz Silva, C. T. A. (2007). Utilização de plantas medicinais pela população da região urbana de Três Barras do Paraná. *Acta Scientiarum*. **Health Sciences**, 29(1), 51-58.

WAGNER, H.; WIESENAUER, M. Fitoterapia: Fitofármacos, Farmacologia e Aplicações clínicas. 2.ed. **Pharmabooks**, 2006. 424 p.

WANG, D.; *et al.* Clinical Characteristics of 138 Hospitalized Patients With 2019 Novel Coronavirus-Infected Pneumonia in Wuhan, China. **JAMA**, 2020.

ZENI, Ana Lúcia Bertarello; PARISOTTO, Amanda Varnier; MATTOS, Gerson and HELENA, Ernani Tiaraju de Santa. Utilização de plantas medicinais como remédio caseiro na Atenção Primária em Blumenau, Santa Catarina, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**. 2017, vol.22, n.8 [cited 2021-02-05], pp. 2703-2712. Available from:

ZUCCHI, M. R.; OLIVEIRA JÚNIOR, V. F.; GUSSONI, M. A.; SILVA, M. B.; SILVA, F. C.; MARQUES, N. E. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais na cidade de IpameriGO. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 15, n. 2, p. 273-279, 2013.

Recebido em 15 de março de 2022
Aceito em 25 de maio de 2022